

THABO MBEKI COMO O PANTEÃO AFRICANO: REIVINDICANDO O SÉCULO XXI PARA A ÁFRICA GLOBAL

Chris Landsberg¹

Introdução

Este artigo é inspirado na visão conjunta do vice-chanceler das Universidades das Índias Ocidentais², o Professor Sir Hilary Beckles, e do ex-vice-chanceler e diretor da Universidade de Johannesburgo, Professor Ihron Rensburg, que desafiou alguns de nós, em 2016 e 2017, a enfrentar, reavaliar e contestar algumas das epistemologias Pan-Africanas, e ir além das ideias antiquadas de África e da Diáspora, rever os conceitos de rupturas epistemológicas em contextos Pan-Africanos e globais, e começar a questionar e reengajar as ideias do Pan-Africanismo para reinventar a África Global.

Há necessidade de uma autoavaliação como africanos e afrodescendentes. Chegamos à ideia de uma África Global reengajada e reimaginada através dos trabalhos e opiniões de Thabo Mbeki, o segundo presidente democraticamente eleito da África do Sul, e sem dúvida o mais influente líder Pan-Africano do seu tempo, o homem que Adekeye Adebajo retratou como “Filósofo Rei” da África (Sunday Independent, 2016). Chamado de maquiavélico impiedoso por alguns, negador da AIDS por outros e de *thin-skinned*³ por mais outros (Adebajo 2016), ele foi, sem dúvida, e continua a ser, um Pan-Africanista global que perseguiu, e continua perseguindo, uma visão global do Renascimento Africano.

¹ Cátedra SARChI: Diplomacia Africana e Política Externa, Universidade de Joanesburgo. Joanesburgo, África do Sul. E-mail: clandsberg@uj.ac.za.

² Do inglês, *Universities of the West Indies*.

³ Nota de edição: *Thin-skinned* é uma expressão em inglês que significa uma pessoa que facilmente se sente ferido por críticas, sensível a críticas, e de certa forma não reage bem a elas.

Em sua busca contínua por um Pan-Africanismo global, poderíamos mencionar seu trabalho e reportagem altamente divulgados sobre os fluxos financeiros ilícitos da África oriundos de uma relação mercantilista entre multinacionais globais e alguns líderes africanos. Esta exploração incessante dos recursos da África impede a concretização da visão do Renascimento Africano e da independência total, além de tornar o continente em dívida com atores externos desprovidos de boas intenções com a África.

Mbeki: um líder global do pensamento africano

Mbeki não era apenas um chefe de política externa, mas também um líder mundial de pensamento africano. Sua presença nas arenas diplomáticas e políticas sempre se destacou e seu papel internacional e sua grande agenda de política externa são lendários. Em oito de junho de 2000, apenas um ano após o início do mandato de Mbeki como presidente, o ex-presidente Mandela colocou Mbeki no notório pedestal global. Mandela concluiu, referindo-se às façanhas de Mbeki no campo dos assuntos internacionais: “[...] eu não acho que haja alguém na história que tenha colocado a África do Sul no mapa como o fez o Presidente Mbeki” (News Africa, 2000). Em dezembro de 2002, Mandela continuou com a narrativa da formidável política externa e das habilidades diplomáticas de Mbeki quando disse de novo: “nenhum presidente ou primeiro-ministro do mundo poderia se orgulhar de ter feito mais do que Thabo [Mbeki]” (News24, 2017). Embora o estatismo de Mbeki não pudesse ser honestamente contestado, o reconhecimento dele como um estadista excepcional também veio dos níveis mais altos.

O homem que muitos descreveram como indiferente e distanciado das massas era focado em ética de trabalho e em colocar a África no ápice de sua vida política. Nas palavras de Barney Afako (2016, p. xiv); “Mbeki é sobre trabalho duro... e Mbeki sempre foi sobre África”. O ex-secretário geral da OUA, Salim Ahmed Salim, ecoou estes sentimentos quando opinou que Mbeki era “[...] um dos mais notáveis emissários da África para lidar com problemas africanos” (citado em Afako, 2016, xiv). Enquanto foi vice-presidente da República da África do Sul de 1994 a 1999, bem como durante sua presidência, entre 1999 e 2008, e mesmo depois de deixar a etapa da política presidencial formal em 2008, seu papel nos assuntos nacionais e internacionais era evidente, e ele continua sendo um intelectual e um líder de pensamento até hoje. Um dos mais ferozes críticos de Mbeki, Adekeye Adebajo, que em certo momento comparou Mbeki a um autocrata de *thin-skinned*, sentiu a necessidade de nos lembrar que “Mbeki continua sendo a figura política

mais importante de sua geração. Como líder do Estado mais industrializado da África e com uma visão abrangente do Renascimento Africano”, continuou Adebajo, “Mbeki governou efetivamente o país como primeiro-ministro de fato sob Nelson Mandela depois de 1994” (Business Day 2016). Durante um discurso em novembro de 2012, o presidente Jacob Zuma, amigo de Mbeki, cantou elogios a Mbeki afirmando que “o ex-presidente Thabo Mbeki conseguiu criar estabilidade macroeconômica e trazer proteção econômica para o povo do país” (EWN 2012). Disse Zuma, “o camarada Mbeki conseguiu fazer algo que muitos acharam difícil de fazer – redigir para o presidente Tambo. Ele era um líder muito difícil para se redigir e só Mbeki conseguiu” (EWN 2012). O que Zuma estava se referindo era o papel de Mbeki como o escritor de discursos do ex-presidente do ANC, Oliver Tambo. Também deve ser notado que ele era o escritor de discursos do ex-presidente Nelson Mandela.

A grande agenda de política externa de Mbeki continha dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais e, em termos práticos, se propôs a usar a política para promover a paz, a democratização, o desenvolvimento e a construção da nação (Van Heerden 2017). De acordo com Van Heerden (2017, 136), sob Thabo Mbeki, “[...] houve uma mudança na abordagem da África do Sul para as relações internacionais em relação à região e ao continente”. Van Heerden (2017, 136) concluiu que “o governo Mbeki procurou criar competências e capacidades e criar um bloco regional viável, nomeadamente SADC⁴, que poderia então operar eficazmente no moderno ambiente global”. Van Heerden (2017, 136) nos deu uma ideia da estratégia internacional e do alcance de Mbeki:

A África do Sul reforçou sua posição na ordem internacional, na medida em que continua sendo um ator fundamental no G77 e continua sendo convidada para as cúpulas do G20. É frequentemente solicitada a mediar crises e conflitos no continente, com graus variados de sucesso, como ainda muitos a consideram a porta de entrada para a África, por causa de seu setor financeiro bem estabelecido e sua boa infraestrutura. A iniciativa de Índia, Brasil e África do Sul (IBAS) está ganhando força e os países Sul-Sul ainda vêem a África do Sul como um dos principais participantes da equipe para pressionar para mudar as regras do jogo da governança global.

A estratégia de Mbeki foi, portanto, multifacetada. Em outros lugares, nos referimos à política externa de transformação de Mbeki e a descrevemos como uma extensão lógica das políticas de transformação doméstica: criar

4 Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral. Sigla em inglês, Southern Africa Development Community.

uma sociedade não-racial; acabar com o sexismo no país; criar uma sociedade solidária sensível às necessidades dos mais vulneráveis; promover o respeito pela diversidade cultural e linguística do país; erradicar a pobreza e transformar em uma economia moderna, dinâmica e competitiva (Landsberg 2016, 436-448). No coração desta política externa multitudinária estava a África; o continente formou o epicentro da diplomacia de Mbeki sob a bandeira de uma visão do Renascimento da África continental, o que chamei em outra parte de uma estratégia afro-continental (Landsberg 2016, 436-448). O que é pouco conhecido são suas estratégias para a África global, incluindo estratégias vis-à-vis o Sul global; relações Norte-Sul; e o terreno da governança global, o que gostaríamos de descrever como uma estratégia global do Renascimento Africano, tudo em esforços para tornar o espaço e a ordem globais mais favoráveis aos interesses africanos.

Rumo a uma teoria da nova África Global

Antes de focar no discurso global de renascimento africano de Thabo Mbeki, gostaria de começar uma nota de conceituação e teorização. A teoria da nova África Global trabalha com a premissa de que a África e suas diásporas históricas ao redor do mundo entraram em uma nova fase dinâmica e desejam se afastar de uma dicotomia entre o núcleo (pátria) e a periferia (comunidades diaspóricas) e abraçar suas histórias, culturas e experiências. Isto visa afirmar uma nova identidade da África global que deseja reconhecer a sua participação e gestão dos seus assuntos públicos e contribuir para a transformação social de todas as comunidades africanas em todo o mundo, não apenas as da África continental. Kwesi Kwaa Prah implorou por um “engajamento continuado dos jovens na África e da Diáspora em questões relacionadas aos ideais do Pan-Africanismo. A vitalidade deste objetivo e sua capacidade contínua de levar pessoas de ascendência africana em sua busca”, prometeu, não pode ser posta em dúvida (Prah 2005, xxvii). “Por cem anos, o espírito do Pan-Africanismo motivou e guiou o pensamento e a ação de uma multidão de adeptos” (Prah 2005, xxvii).

As grandes mudanças no mundo marcadas pela globalização nas áreas de cooperação econômica e relações internacionais abriram caminho para novas oportunidades e desafios para a África continental e os africanos na diáspora. Como Kwesi Prah colocou, “os desafios de um mundo globalizado são muitos e o Pan-Africanismo precisa enfrentar esses desafios. As plataformas para o Pan-Africanista [...]”, aconselhou Prah, “[...] também precisam ser reconsideradas” (Prah 2005, xxvii). Poderíamos acrescentar que o

Pan-Africanismo tem que se espalhar para além das plataformas políticas, os espaços rarefeitos da academia, e se transformar em aldeias e guetos na África e na diáspora para assim garantir que a população se identifique com o Pan-Africanismo e seus ideais, e tenha um papel a desempenhar em seu avanço.

Sabelo Sibanda argumentou que, “dentro do Movimento Pan-Africanista, tem se adotado uma visão limitada de que o Pan-Africanismo é apenas sobre unir as pessoas no continente da *Áfrika* e esta visão é principalmente confinada àquelas pessoas realmente nascidas e/ou residentes no continente” (Sibanda 2005, 242). Em outros lugares eu me referi a isso como “afro-continentalismo”. Sibanda vai mais longe ao afirmar que “esta escola de pensamento não coloca plenamente em perspectiva, e assim não reconhece, o significado das contribuições dos *Afrikanos* nascidos na Diáspora ao Movimento Pan-Afrikanano”. O ponto-chave a tirar da análise de Sibanda é que “Pan-Africanismo, sem levar em conta o fato de que a presença da Nação *Afrikana* é global e não apenas no continente africano, é altamente deficiente e pode se tornar ineficaz e sem sentido, portanto, nula e sem efeito” (Sibanda 2005, 242). Quando ele deliberadamente substitui “c” por “k” em *Afrikanano*, ele está mostrando a importância da língua indígena pelos africanos.

Chen Chimutengwende coloca isso de uma forma mais básica e pragmática:

A África precisa dos africanos da diáspora no processo de libertação e desenvolvimento. Os africanos da diáspora também precisam da África como pátria ancestral e base global. Eles precisam um do outro em nível internacional. A base global é essencial para a sua própria libertação e empoderamento socioeconômico onde quer que estejam residindo no mundo (Chimutengwende 2005, 343).

É importante trazer o africanismo global de volta. Os povos afrodescendentes nas Américas do Sul, Central e do Norte, Caribe, Oceano Índico, Oriente Médio, Sul da Ásia e Pacífico Sul estão colocando uma importância crescente nos laços que os prendem à África e à diáspora global da África. Essas pessoas de ascendência africana desejam ter suas sociedades e experiências desconstruídas e reconstruídas. Alguns desses povos e países, especialmente os capturados, desejam corrigir as distorções históricas do racismo, discriminação racial, desigualdade e uma história de humilhação.

Afro-continentalismo: renascimento da África “primeiro”

Eu poderia destacar aqui uma série de legados do projeto de política externa de Mbeki. Mas, o primeiro e mais importante legado deve ser seu novo projeto Pan-Africanista continental e global, perseguido sob a bandeira do “Renascimento Africano”⁵, quando ele estabeleceu as bases para o século XXI ser transformado no século africano (Pityana 2018). O ponto-chave a salientar sobre o Renascimento Africano, é a ideia de restaurar o orgulho e a dignidade africanos, bem como posicionar a África no estrangeiro enquanto se procura infundir um sentimento de confiança nos e sobre os africanos a nível continental (Pityana 2019). Mbeki definiu o Renascimento Africano como a necessidade de os africanos determinarem quem são, o que representam, quais são suas visões e esperanças, como fazem as coisas, que programas adotam, com quem se relacionam e como.

Segundo Adekeye Adebajo, “a política externa de Mbeki foi em parte impulsionada por sua visão de um Renascimento Africano, que, além de encorajar os sul-africanos a abraçarem uma identidade africana, buscou promover a renovação política, econômica e social do continente e a reintegração da África na economia global” (Adebajo 2016, 113). Adebajo foi além e expandiu o projeto político, ressaltando a visão renascentista de Mbeki quando disse que ele “[...] estimulou os africanos a adaptarem a democracia às suas próprias condições específicas sem comprometer seus princípios de representação e responsabilização” (Adebajo 2016, 113). A superação de um sentimento de inferioridade por parte dos africanos era um objetivo fundamental e, segundo Adebajo, Mbeki “[...] os desafiava a descobrir um senso de autoconfiança depois de séculos de escravidão e colonialismo, que sistematicamente difamaram suas culturas e subjugaram suas instituições ao domínio estrangeiro” (Adebajo 2016, 113). Significativamente, Adebajo articulou um dos princípios cardeais que ressalta a visão renascentista de Mbeki, ou seja, a autonomia e a autodeterminação: “O Renascimento Africano de Mbeki teve como objetivo central o direito do povo africano de determinar seu próprio futuro” (Adebajo 2016, 113).

Com a visão de Mbeki de um Renascimento Africano, que, além de encorajar os sul-africanos a abraçarem uma identidade africana, frequentemente apresentava o desafio maior ao seu Gabinete, seu povo e a outros africanos de abraçar o Renascimento Africano e garantir que houvesse um grande foco na necessidade de tentar derrotar a pobreza, o subdesenvolvimento e as desigualdades globais, ao mesmo tempo em que capacitasse os

5 Em inglês, African Renaissance.

negros em casa e os africanos em geral a tornarem-se confiantes para desafiar suas posições de subdesenvolvimento e subjugação no mundo.

Enquanto os governos do *apartheid* branco viam a África do Sul como uma extensão da Europa, Mbeki decidiu desmascarar essa noção e afirmar o pertencimento africano da África do Sul. Como parte da África e com outras forças, a África do Sul defendeu a paz, a democracia, a reconstrução e o desenvolvimento do continente. Não obstante a convocação de muitos de que a África do Sul deveria agir como uma espécie de *hegemon* africano – aquele que estabeleceria as leis para outros através da imposição e dominação – Mbeki evitou tais ideias e, em vez disso, apostou na noção de que a África do Sul é uma parceira igual no continente e globalmente. A diplomacia da paz, ou uma estratégia *Pax-Sul Africana*, ocupou um lugar especial no radar da política externa de Mbeki (Landsberg 2010, 436-456). Ele preferiu desempenhar o papel de *peacemaker* e *peacekeeper* em toda a África, agindo através de instituições multilaterais: a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral; a União Africana; o Conselho de Segurança da ONU.

Mbeki está ferozmente em defesa da soberania da África. Ele está na linha de frente ao se opor à intenção dos atores externos de se intrometer nos assuntos da África, invadindo, assim, sua soberania e perpetuando o legado de humilhação contra o continente. Mbeki questiona a justiça criminal internacional, conforme dispensado pelo Tribunal Penal Internacional (TPI), que ele acusa de desconsiderar a busca da África por soluções domésticas em sua missão de resolver seus conflitos. Ele se opôs à decisão da CSNU de indiciar o presidente sudanês, Omar al-Bashir, por crimes egrégios na região de Darfur, no Sudão, primeiro em março de 2009, e depois em julho de 2010, enquanto esforços pacíficos estavam em andamento para enfrentar a crise. Ele também tem criticado a invasão da Líbia pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), acelerando assim a sua ruína.

Isso levou Mbeki e seus aliados a pressionar agência e voz, resultando na Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD⁶) – um plano de desenvolvimento de modernização, fazendo uma ligação entre democracia e governança de um lado, e paz e segurança do outro (Landsberg 2017, 195-212). Eles não permitiriam que as potências estrangeiras ditassem a eles qual programa de desenvolvimento seria e prescreveria. Eles não desejavam voltar aos dias sombrios do Consenso de Washington e dos Programas de Ajustamento Estrutural e elaboraram a NEPAD, que comprometeu os líderes africanos a transformar seus Estados em Estados desenvolvimentistas democráticos (Mbeki 2012, 3). Os principais objetivos da NEPAD eram “acelerar a

6 Sigla do inglês, New Partnership for Africa's Development.

erradicação da pobreza em África e a desigualdade entre a África e o mundo desenvolvido”, e “colocar os países africanos, individual e coletivamente, num caminho de crescimento e desenvolvimento sustentável” (Landsberg 2008). “Os líderes estavam determinados a impedir a marginalização da África no processo de globalização; e acelerar o empoderamento das mulheres” (Landsberg 2008). Com a NEPAD, Mbeki e seus aliados buscaram uma “ideologia desenvolvimentista, que estabelece a ligação entre desenvolvimento, governança democrática, paz e segurança e crescimento econômico”.

Mbeki foi o principal arquiteto do Mecanismo Africano de Revisão de Pares (APRM⁷), uma ferramenta de promoção da governança que não dependia de medidas punitivas para promover a governança e destacava a democracia, administração política, desenvolvimento socioeconômico, governança econômica, gestão e administração corporativa (APRM 2007). O APRM adotou vários princípios em defesa da autonomia e autodeterminação africanas, incluindo (APRM 2007): domínio e liderança africanas; ancorar o desenvolvimento do continente na engenhosidade do povo africano, e diminuir, dependendo da generosidade externa; aceleração e aprofundamento da integração regional e continental; criar condições para que os países africanos se tornem destinos de referência para investidores estrangeiros; uma nova parceria entre os africanos e a comunidade internacional, especialmente o mundo industrializado; e um programa de desenvolvimento abrangente, holístico e integrado para a África.

Esse mecanismo envolveu governos, organizações da sociedade civil, organizações empresariais, membros de comunidades e famílias para refletir em conjunto sobre as conquistas e desafios de suas respectivas políticas. Com a iniciativa do APRM e outros, Mbeki foi impulsionado pela visão do direito do povo de participar nos processos de governação democrática (Mbeki 2012, 3). Os africanos, ele implorou, devem servir como “seus próprios libertadores” (Mbeki 2012, 3).

Na verdade, ele foi fundamental para que a África do Sul se tornasse a anfitriã dos secretariados da NEPAD e do APRM, e Mbeki não hesitou em insistir que a África do Sul deveria pagar por essas instituições. Mbeki não ficou só nas palavras, mas tomou atitude em relação a essas nobres iniciativas continentais que, de alguma forma, perderam seu fôlego depois que Mbeki deixou o cargo em 2008. O estilo forte e idiossincrático de liderança de Mbeki em busca do projeto do Renascimento Africano também foi o lado negativo dessas iniciativas. Uma vez fora do poder, nenhum outro líder africano poderia defender o entrenchamento dessas estruturas na arquitetura de governança da África com tanto entusiasmo.

7 Sigla em inglês, African Peer Review Mechanism.

Na época da retirada abrupta de Mbeki em setembro de 2008, a África do Sul tinha uma presença diplomática em 47 dos estados do continente, mais do que qualquer outra nação do mundo, posicionando-se para ser influente na África e em outros lugares. Como parte desta política “África primeiro”, Mbeki foi fundamental para a fundação da União Africana. É irônico que o país que nunca teve o privilégio de ingressar na Organização da Unidade Africana (OUA), por perseguir uma política antipática e racista do *apartheid*, viria a ser o primeiro Estado africano a presidir a organização sucessora, e, mesmo, ter o privilégio de lançar o principal organismo pancontinental da África (Landsberg 2006). De fato, durante o lançamento da União Africana em julho de 2002, em Durban, África do Sul, Mbeki articulou sua visão de um projeto funcionalista continental e uma arquitetura baseada em Estados que convivem com instituições, normas e valores comuns e uma ordem comum baseada em regras, não como a de Muammar Gaddafi, da Líbia, que favoreceu um federalismo supranacionalista dos Estados Unidos da África (USAf).

Sob a abordagem funcionalista de Mbeki havia cinco sub-regiões, e uma sexta se estendendo à diáspora africana.

Em termos de *Pax-Sul Africana*, apenas um ano após sua presidência, a África do Sul estabeleceu o Fundo Africano de Renascimento e Cooperação (ARF⁸) de \$30 milhões para promover democracia, desenvolvimento e cooperação através da concessão de empréstimos e assistência financeira a outros países africanos, África do Sul à mesa com outras nações doadoras. Mbeki queria mostrar aos outros que ele não só falava, mas agia, investindo dinheiro, e também que não era alguém que confiava demais na generosidade dos Estados ocidentais (Adebajo 2016, 118). Com o ARF, Mbeki mostrou que estava disposto a comprometer fundos para afiançar a África e apoiou iniciativas de paz no Burundi; em Comores, como coordenador mandatado pela OUA; na República Democrática do Congo (RDC); facilitou o diálogo entre Lesoto e Angola; ajudou a treinar observadores para processos de paz na Etiópia e Eritreia; forneceu apoio logístico para o processo de paz na Serra Leoa; apoiou os processos liderados pela ONU no Saara Ocidental; apoiou os processos de paz da IGAD⁹ na Somália; e forneceu assistência para desminagem.

8 Sigla em inglês, African Renaissance and Co-operation Fund.

9 Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (IGAD). Sigla em inglês, Intergovernmental Authority on Development.

Rumo a um renascimento global na África – A diáspora

Em 30 de junho de 2003, o Presidente Thabo Mbeki proferiu um dos discursos mais importantes, ainda que pouco reportado e subestimado, na Universidade das Índias Ocidentais, em Kingston, Jamaica. Este discurso falou diretamente à África Global, ao falar da “Diáspora Africana no Século XXI” e localizou este discurso dentro do contexto do discurso “ousado” de um “Renascimento Africano” e da “necessidade de assegurarmos que o Século XXI se torne um século africano [...]” (Mbeki 2003).

Mbeki invocou algo parecido com o Renascimento Africano global quando disse como era vital “falar sobre o que poderíamos fazer juntos para atingir esses objetivos, entendendo que, quando falamos de um Renascimento Africano, falamos do renascimento que deve abranger todos os africanos, tanto na África como na diáspora africana” (Mbeki 2003).

A África Global tem que responder às realidades da geoeconomia e geopolítica globais, nas quais ela desempenha um papel marginal. Quando interpretou o mundo no discurso de 2003, afirmou que “os africanos no continente e na diáspora enfrentam hoje um mundo de regimes financeiros, de investimentos e de comércio que injustamente favorecem o mundo desenvolvido e que os impede de melhorar sua qualidade de vida” (Mbeki 2003). Os africanos no continente e na diáspora não devem ter a ilusão de que “[...] padrões de investimento distorcidos, sistemas comerciais injustos e desequilíbrios brutos em termos de acesso à produção de capital continuam a prejudicar os esforços de desenvolvimento no mundo africano e em desenvolvimento” (Mbeki 2003) .

Enquanto ele estava confiante de que a África poderia reivindicar o século XXI como seu, ele não tinha ilusões sobre o desafio: ele nos lembrou que

os africanos da Diáspora e do continente entraram no século XXI ainda confrontados com as duras realidades da pobreza enraizada, do subdesenvolvimento geral, da morte por doenças curáveis, do analfabetismo, da marginalização internacional e de poucas perspectivas de taxas de crescimento e de desenvolvimento que fechem a distância entre eles e os países ricos (Mbeki 2003).

Unidade entre os africanos é um tema predominante que percorre as obras de Thabo Mbeki. Ele observou que esses pais fundadores, os panteões Pan-Africanos, destacam a importância da unidade “[...] mesmo quando atravessaram os mares [...]” e “[...] nasceram da percepção de que, como um povo

com uma história, estamos ligados pelo mesmo futuro” (Mbeki 2003). Com essa afirmação, Mbeki transcendeu os antigos entendimentos da periferia da pátria-mãe da diáspora e abraçou uma verdadeira perspectiva da África Global. Nesse sentido, estabelecendo um elo entre o passado e o futuro, ele lamentou o fato de que, “[...] muito depois do fim da escravidão e do colonialismo, as vidas dos africanos e seus descendentes ainda são marcadas por uma infinidade de desafios não relacionados com o passado cujas marcas o presente carrega” (Mbeki 2003).

Todos sabemos que, como membros da família africana global, compartilhamos uma história de opressão e humilhação, e Mbeki estava correto no discurso jamaicano ao afirmar que “[...] a opressão compartilhada nos Estados Unidos, no Caribe e na África no final do século XIX, levou alguns dos principais pensadores e ativistas pela emancipação dos africanos em toda parte a Londres para participar do 1º Congresso Pan-Africano” (Mbeki 2003).

Mbeki nos lembra, de fato, que foi no ano de 1900, quando um advogado de Trindade e Tobago, Henry Sylvester Williams, iniciou o primeiro Congresso Pan-Africano em Londres. Mbeki estabeleceu um elo entre os Pan-Africanismos do final do século XIX e início do século XX e a variante dos derivados no início do século XXI, quando disse que a conferência de 1900 foi seminal para o movimento político e filosófico do Pan-Africanismo em todo o mundo, o catalisador que levou à formação da União Africana no início do século XXI.

Em 2000, Mbeki foi para a Bahia para receber um doutorado honorário de uma universidade local, situada em uma área na qual a maioria dos habitantes são descendentes de escravos da África (Adebajo 2016, 119). Ele insistiu em dirigir-se aos habitantes locais e nenhum outro líder africano considerou mais seriamente o vínculo hereditário entre o Brasil e a África do que Mbeki. Adebajo nos lembra que Mbeki leu “de um poema pungente, ‘O Navio Negreiro’, do poeta brasileiro Castro Alves, ele disse ao público: ‘O Brasil não pode alcançar sua identidade completa a não ser que celebre também sua conexão histórica e cultural com a África, antes de pedir o desenvolvimento de mais cientistas, economistas e empresários afro-brasileiros’” (Adebajo 2016, 119). Ao fazê-lo, ele quebrou os protocolos diplomáticos e as gentilezas e falou diretamente sobre a questão da raça no Brasil.

A maioria dos compromissos entre o Brasil e os países africanos são comerciais, mas não localizados com o meio social Africano global. Mbeki fez questão de enfatizar esse elo ancestral.

Em janeiro de 2004, Mbeki foi o único líder africano a participar das comemorações do bicentenário da revolta de escravos contra a França

no Haiti. O Haiti foi o primeiro Estado negro a alcançar a independência, ele simbolizou o jugo de servidão que a maioria dos países africanos ainda sofre, mesmo muito tempo após a independência, e continuou sendo devedor à França durante anos, uma situação que contribuiu para o seu subdesenvolvimento. Há paralelos entre a situação do Haiti e a fuga de capitais, os fluxos financeiros ilícitos da África e alguns dos acordos de empobrecimento que a França tem com suas antigas colônias na África. Entre os líderes africanos, apenas Mbeki percebeu a importância das celebrações do bicentenário do Haiti para o resto da visão global africana.

Sobre as responsabilidades da *intelligentsia* africana

Para Mbeki, a *intelligentsia* africana sempre teve uma grande responsabilidade em ajudar na unidade e no renascimento da África. Naquele discurso na Jamaica de 30 de junho de 2003, Mbeki afirmou que “as universidades africanas, tanto na África quanto na diáspora, têm a responsabilidade de entender o mundo e interpretá-lo” (Mbeki 2003). “O que devemos tratar”, argumentou Mbeki, “[...] é mudar as condições que durante muitos séculos impuseram aos africanos, em toda parte, o status de subordinados” (Mbeki 2003). Ele foi enfático ao afirmar que “a condição africana não permite uma *intelligentsia* africana que apenas interpreta o mundo, enquanto nada faz para modificá-lo” (Mbeki 2003).

Em termos da África Global, Mbeki observou que, enquanto Du Bois definiu o problema do século XX como o da raça,

[...] talvez tenha chegado a hora da intelectualidade africana nas Américas, Caribe, Europa e África se juntarem de novo, desta vez para fazer a declaração – o problema do século XXI é o problema da pobreza, do subdesenvolvimento e da marginalização – e juntos procurar maneiras e meios através dos quais enfrentar este problema (Mbeki 2003).

Poucos líderes africanos demonstraram tanto apreço pelo papel da memória e do poder ideológico. Como parte do alcance da diáspora, Mbeki realizou algumas iniciativas intelectuais de alto perfil em comemoração da memória, lembrança e retenção africana.

Mbeki liderou a preservação dos manuscritos de Timbuktu no Instituto de Pesquisa Ahmed Baba, no Mali, após sua visita ao país em 2001. Ele criou um fundo fiduciário e reuniu uma equipe de especialistas da África do Sul para treinar e ajudar seus parceiros do Mali a preservar essa herança

africana, de valor inestimável, e a contribuição para a epistemologia africana e herança intelectual. Inicialmente, o governo sul-africano doou R30 milhões, enquanto o setor privado doou R32 milhões para o fundo. Embora muitos fossem textos religiosos islâmicos, os manuscritos continham detalhes sobre matemática, história política, astronomia e ciências naturais. Mbeki destacou a África como o berço da epistemologia e desmentiu o mito de que é historicamente uma tabula rasa. Ela é um produtor e não um consumidor de conhecimento per se, é o argumento que ele fez por meio dessa iniciativa.

Em abril de 2017, Mbeki recebeu um doutorado honorário de uma universidade queniana, a Universidade Dedan Kimathi de Ciência e Tecnologia, em homenagem a um dos líderes do país durante a rebelião Mau Mau contra o domínio britânico. Mesmo fora do ofício, Mbeki ainda celebra indivíduos galantes que lutaram pela restauração da dignidade e do orgulho dos africanos no continente e na diáspora.

Renascimento global africano: fortalecendo a cooperação Sul-Sul, o diálogo Norte-Sul e a governança global

As estratégias para a África continental e global não foram as únicas que apareceram proeminentemente na agenda externa de Mbeki e nos grandes esquemas de políticas. A construção de laços entre a África e os países do Sul global, e os países em desenvolvimento em geral, foi igualmente importante na política externa de Mbeki. Nesse sentido, pode-se argumentar que Mbeki era um defensor do que eu chamaria de uma estratégia da Renascença Sul-Sul Africana (Landsberg 2000, 75-81). A ênfase na necessidade de cooperação Sul-Sul nasceu da luta contra o *apartheid* e o domínio colonial, e do fato de que os movimentos de libertação se beneficiaram imensamente da solidariedade dos países do sul.

Durante a presidência de Mbeki, a África do Sul superou seu peso e comandou uma influência nos assuntos mundiais geralmente reservada às superpotências. Indo além de um “diálogo de surdos” entre o Norte e o Sul, Mbeki defendia que o desenvolvimento precisava ser visto como um desafio universal e estratégico, e que deveriam haver mudanças no equilíbrio internacional de poder, e que recursos financeiros significativos tinham que ser concedidos pelo Norte, de modo a reforçar as perspectivas de desenvolvimento da África. Como parte de sua estratégia global do Renascimento Africano, Thabo Mbeki colocou a questão de uma nova relação entre o Norte e o Sul na agenda, afastando-se de uma relação paternalista para uma nova

política, desenvolvimento e paradigma intelectual de uma parceria genuína (Mbeki 1998).

Seu governo enfatizou que um pesado fardo repousava sobre os ombros dos formalmente colonizados, e que o mundo em desenvolvimento tinha reivindicações legítimas à compensação do Ocidente. Assim como a Europa e a Alemanha receberam uma injeção maciça de capital após a Segunda Guerra Mundial, o mesmo deveria ocorrer com a África, a fim de alcançar seus objetivos de desenvolvimento. Mbeki foi fundamental na Nigéria e Argélia na negociação de uma parceria estratégica entre a África e o G-8, em conjunto com governos, setor privado e outros órgãos da sociedade civil, o que levou a numerosos compromissos Norte-Sul em áreas de saúde, inovação e conhecimento, através da ciência e tecnologia, infraestrutura, comércio e investimento, aumento da assistência oficial ao desenvolvimento, alívio da dívida, crescimento do setor privado, agricultura e segurança alimentar e educação. Essa parceria deveria basear-se no respeito mútuo, responsabilidade e prestação de contas.

Como diplomata supremo e estadista Pan-Africano, Mbeki também adotou estratégias de governança global que buscavam transformar a ordem global de forma a dar à África, e aos Estados do sul global, uma voz e maior atuação nos assuntos mundiais. Mbeki não era um estadista tímido. Ele foi corajoso o suficiente para elaborar políticas, em parceria com outros líderes africanos e do Sul, que se propuseram a dar respostas ao processo irreversível de globalização de uma maneira que responderia aos desafios da pobreza, desigualdade e exclusão que confrontavam os africanos e povos do, mais amplo, “Terceiro Mundo”.

Mbeki, quase sozinho, colocou na agenda global a ideia de uma parceria estratégica entre a África e a comunidade internacional, baseada nos princípios de prestação de contas mútua e responsabilidade mútua.

Para Mbeki, os desafios fundamentais decorrentes do processo irreversível da globalização incluíram pobreza, subdesenvolvimento, a crescente distância entre o Norte e o Sul, racismo e xenofobia, discriminação de gênero, problemas de saúde, conflitos violentos e uma ameaça ao meio ambiente (DFA 2000). Os espólios da globalização precisavam ser compartilhados mais amplamente e ele estava comprometido com o desmantelamento das barreiras comerciais para benefício mútuo de todos (DFA 2000). Mbeki defendeu o melhor acesso ao mercado para as exportações de todos os países, principalmente africanos e outros em desenvolvimento, e apoiou um regime comercial que permitiria aos países em desenvolvimento construir

habilidades e capacidades de fabricação, ao mesmo tempo em que aumentava o crescimento e alcançava a prosperidade (DFA 2000).

A crítica que poderíamos citar é que, devido ao seu compromisso com a agenda africana global, ele perdeu o contato com a política interna na África do Sul, o que contribuiu para sua saída prematura do poder. Ele parecia ter se esquecido donexo entre política interna e política externa e concentrou exclusivamente seu tempo e energia na causa do Renascimento Africano global em detrimento de seu legado em casa.

Conclusão

Concluo com uma pergunta intrigante: será que o homem que cresceu lutando desde a infância, que desempenhou um papel fundamental como figura central no movimento de libertação mais antigo do mundo, e um de seus mais bem-sucedidos, durante 52 anos, foi chamado de tomador de decisões implacável, e até rotulado de negacionista da AIDS, posicionou-se inegavelmente como um superdiplomata pacifista, passou a dominar a política em seu país e a diplomacia em seu continente, durante toda a primeira década do século XXI, virá a ter um papel mais vital na reconstrução das comunidades africanas continentais e diaspóricas, promovendo um Renascimento Africano global para o ressurgimento da África Global, agora que ele está livre das restrições da política presidencial formal? Será que o principal líder Pan-Africano global da África no início do século XXI virá a desempenhar um papel mais fundamental ajudando não apenas a África continental, mas global, a reivindicar este século como o século africano global? Bem, ele continuou energeticamente com a promoção ativa do projeto global do Renascimento após a presidência. Eu, pelo menos, não dúvida de Thabo Mbeki, o homem global do Renascimento Africano.

REFERÊNCIAS

- Adebajo, Adekeye. 2016. *Thabo Mbeki, A* Jacana Pocket Biography, Jacana, p. 113.
- Adebajo, Adekeye. 2016. “Mbeki: a critique of the philosopher-king’s legacy”, *Business Day* 18 de abril.
- Afako, Barney. 2016. “Forward”, in Sifiso Mxolisi Ndlovu e Miranda Strydom (eds.), *The Thabo Mbeki I Know*, Picador Africa, MacMillan.

- African Peer Review Mechanism - APRM. 2007. *The African Peer Review Mechanism (APRM): Africa's Innovative Thinking on Governance, Prepared for the Eight Gathering of the African Partnership Forum*, Berlin, Alemanha, 22-23 de maio.
- Chimutengwende, Chen. "Towards the 8th Pan-African Congress", in F. Bankie e K. Mchombu (eds.), *Pan-Africanism, African nationalism, Strengthening the Unity of Africa and its Diasporas*, op. cit., p. 343.
- Eyewitness News - EWN. 2012. "Zuma sings Mbeki's praises", *Eyewitness News*. <http://ewn.co.za/2012/11/09/Zuma-sings-Mbeki's-praises>
- Eyewitness News - EWN. 2012. "Zuma sings Mbeki's praises", *Eyewitness News*. <http://ewn.co.za/2012/11/09/Zuma-sings-Mbeki's-praises>.
- Landsberg, Chris. "South Africa and the making of NEPAD: Mbeki's 'progressive' African Agenda", in A. Adebajo, A. Adedeji, e C. Landsberg, *South Africa in Africa: The Post-apartheid Era*, op. cit.
- Landsberg, Chris. 2000. "Mbeki's External Initiative on Africa and the Global South", *Africa Insight*, 2000, pp. 75-81.
- Landsberg, Chris. 2016. "Afro-Continentalism: Pan-Africanism in Post-settlement South Africa's foreign policy", *Journal of Asian and African Studies*, Vol. 47, No. 4, pp. 436-448.
- Landsberg, Chris. 2010. "Pax-South Africana and the Responsibility to Protect", *Global Responsibility to Protect Journal*, Vol. 2, No. 4, pp. 436-457.
- Landsberg, Chris. 2007. "South Africa and the making of NEPAD: Mbeki's 'progressive' African Agenda", in A. Adebajo, A. Adedeji, e C. Landsberg, *South Africa in Africa: The Post-apartheid Era*, UKZN Press, pp. 195-212.
- Landsberg, Chris. 2008. *The African Peer Review Mechanism – An Overview*, University of Johannesburg, setembro.
- Mail & Guardian. 2000. "Mandela sings Mbeki praises", *Mail & Guardian*. <http://mg.co.za/article/2000-06-08mandela-sings-mbeki-praises>.
- Mbeki, Thabo. 2003. Address of the President of South Africa, Thabo Mbeki *at the University of the West Indies*, Kingston, Jamaica, 30 de junho.
- Mbeki, Thabo. 1998. *Africa, the time has come*, Tafelberg Publishers (Cidade do Cabo) and Mafube Publishing (Johannesburgo).

- Mbeki, Thabo. 2012. "Contemporary Tasks of the African National Democratic Revolution", *Thabo Mbeki Foundation, Newsletter*, Vol. 2, maio 2012, p. 3.
- Mbeki, Thabo. "Contemporary Tasks of the African National Democratic Revolution", op. cit., p. 3.
- Mbeki, Thabo. 1998. *Statement of the Deputy President at the African Renaissance Conference*, 28 de setembro. <http://www.anc.org.za/ancdocs/history/mbeki/1998/tm092b.htm>.
- News 24. 2000. "Mandela sings ANC praises", *News 24 archives*. <http://www.news24.com/SouthAfrica/News/mandela-sings-ANC-praises>.
- Pityana, Barney (ed.). 2019. "Building Blocks Towards an African Century", *Essays in Honour of Thabo Mbeki, Former President of the Republic of South African*, Real Africa Publishers.
- Pityana, Barney. 2019. *Presentation at the launch of the book Building Blocks Towards an African Century: Essays in Honour of Thabo Mbeki*, Institute for pan-African Thought and Conversation (PATC), University of Johannesburg, 22 de abril de 2019.
- Prah, Kwesi Kwaa. 2005. "Foreward", in F. Bankie e K. Mchombu (eds.), *Pan-Africanism, African nationalism, Strengthening the Unity of Africa and its Diasporas*, Windhoek, p. xxvii.
- Sibanda, Sabelo. 2005. "Pan-Africanism and Afrikan Nationalism: Putting the Afrikan Nation in Context", in B. F. Bankie e K. Mchombu (eds.), *Pan-Africanism, African nationalism, Strengthening the Unity of Africa and its Diasporas*, Publications, Windhoek, p. 242.
- Van Heerden, Oscar. 2017. *Consistent or Confused?, The Politics of Mbeki's Foreign Policy 1995-2007*, Staging Post.

Resumo

Thabo Mbeki é um Pan-Africano global por direito próprio, e um dos principais líderes pensadores Pan-Africanos da sua geração. O homem que foi chamado de sensível, implacável e intransigente, deixou uma marca nítida no discurso Pan-Africano, tanto durante como após o seu mandato como o segundo presidente democraticamente eleito da África do Sul. Este estrategista, que adotou um estilo de liderança transformacional e visionário, ganhou sua credibilidade, em parte, fazendo uma contribuição única para o Pan-Africanismo e está, de fato, entre os panteões Pan-Africanos. Ele perseguiu um Renascimento Africano como uma visão e uma estratégia voltada para o mundo africano em geral – uma estratégia de África Global. Como um dos panteões Pan-Africanos – heróis – ele fez contribuições importantes não apenas

para o afro-continentalismo, mas também para a África Global, em outras palavras, para a África continental e a diáspora.

Palavras-chave

Thabo Mbeki; África Global; Renascimento Global Africano; África reivindicando o século XXI; Cooperação Sul-Sul; Diálogo norte-sul.

Recebido em 4 de abril de 2019

Aceito em 17 de maio de 2019

Traduzido por Camila Ayala